

Amor, ódio, ignorância, paixões do ser: ódio e amor na transferência

Claudia Messer

Círculo Psicoanalítico Freudiano

“...o fato de ter alma – se fosse verdade – seria um escândalo para o pensamento. Se fosse verdade, a única coisa que poderia ser chamada de alma é aquilo que permite a um ser - o ser que fala, para lhe dar o nome - suportar o intolerável do seu mundo, que lhe supõe estranho. Isto é, fantasmagórico...”

Uma carta de amor

Seminário 20-Aun (1972-73)-Jaques Lacan

De acordo com a argumentação proposta para este Colóquio, hoje tentarei transmitir como as paixões descritas por Lacan ao longo de sua obra nos desafiam na direção da cura.

As paixões do Ser estão sempre em relação com o Outro.

Se voltarmos a Freud em “Introdução ao Narcisismo”, ali o Mestre nos ensina como o eu se constitui, com prazer e desprazer.

O sujeito expulsa o que lhe causa desprazer através do ódio, estruturando assim o eu e o não-eu.

O desagradável é expulso, constituindo o não-eu, enquanto o agradável ficaria do lado do eu.

Em Lacan, o amor é pensado a partir do lugar que o sujeito supõe ter no Outro, lugar que lhe é dado pelos significantes que esse Outro lhe oferece, para que sejam possíveis as operações de alienação e separação.

E a ignorância? Passemos diretamente ao drama de Édipo.

Lacan, em fragmento inédito de 4 de março de 1959, extraído da síntese de 7 lições sobre Hamlet, nos fala sobre a diferença entre a ignorância de Édipo e a de Hamlet.

Em Hamlet, o crime edipiano é conhecido. O conflito é entre vingar a morte de seu pai e a culpa por matar seu tio.

Em vez disso, Édipo, que não sabe de sua origem, mata o próprio pai e se casa com a mãe. A ignorância de Édipo é a forma mítica de expressar as terríveis consequências do parricídio e do incesto.

Édipo, incapaz de suportar tanto horror, arranca os olhos. Excelente metáfora que nos ajuda a supor que a ignorância é aliada do nosso gozo: “melhor não ver, melhor não saber”

Agora, o que acontece com essas paixões no campo da transferência?

Freud coloca o amor na transferência positiva, o amor transferencial atuará como uma força motriz e um obstáculo para o avanço de uma cura.

Lacan propõe a constituição do Sujeito Suposto do Conhecimento, para lançar a experiência de uma análise. O analisando pressupõe conhecimento sobre seu gozo e, ainda assim, esse

conhecimento vem de seus próprios ditos transferenciais, ditos com os quais o analista opera. É aqui que reside o inconsciente: sai da boca do analista.

Encontramos o amor na sua dimensão imaginária na idealização, no fascínio amoroso.

Na versão simbólica, é o presente, aquilo que é dado de graça.

Podemos pensar a sua versão real em relação ao encontro apaixonado dos corpos, que idealizam uma “possível fusão fantasmática”.

Quanto ao ódio também teremos as mesmas dimensões, na sua versão imaginária trata-se da destruição do outro, quando se estabelece o dilema: “ou eu, ou, o outro”.

Dimensão constitutiva do palco do espelho, que não deixa de ter a dimensão simbólica dada pela linguagem materna, que dá à criança a ilusão de uma unidade que antecipa a sua maturação neurológica.

Na sua versão simbólica, o ódio busca a degradação, a humilhação do outro.

Aí poderíamos localizar algumas questões de transferência negativa, ou seja, da reação terapêutica negativa que leva a posições de reclamação, difíceis de movimentar e que muitas vezes geram interrupções e impasses nas análises.

Lacan dá à ignorância uma importância particular em relação às duas paixões antes mencionadas.

No Seminário 20-Ainda, ele aborda a questão do ódio, a partir do que chama de discordância entre o conhecimento e o ser.

Neste Seminário o Outro como tesouro de significantes torna-se o Outro sexo: A Mulher (barrada).

A Mulher, por ser outra de si mesma, sabe algo sobre o gozo que só ela pode vivenciar, portanto, o ódio está relacionado ao fato de existir uma falta.

Na transferência não é justamente aquilo que o sujeito não quer saber? Desse prazer ignorado que faz da repetição o seu melhor aliado?

Não nos deixarmos fascinar pelas miragens do amor imaginário, não acreditar que somos objeto de ódio e, de alguma forma, dar a conhecer ao sujeito o seu gozo, serão os nossos grandes desafios.

Para ilustrar o que lidamos diariamente na nossa clínica, transmitirei a vocês uma breve sequência clínica de uma análise que ocorreu há algum tempo e durou vários anos.

Naquela época recebi uma jovem de cerca de 30 anos, a quem chamarei de Romí.

Ela se apresenta dizendo: “Eu me considero uma rebelde”.

Ela comenta que vinha de diversas análises, que havia abandonado por diversos motivos.

Nesse primeiro encontro ela relata que desde o primeiro ano até os 8 anos foi criada pela avó materna, até então foi levada de volta para sua casa natal, lá conheceu uma família que não conhecia, e que tinha 9 irmãos.

Nesta família ele é vítima de uma série de excessos: violência física e violência verbal, incluindo abuso sexual por parte do pai.

Ela está constantemente dividida entre ser diferente e ao mesmo tempo igual às suas irmãs, que hoje repetem a história familiar de abusos e violência com os seus parceiros.

Romí recorre à análise angustiada. Ela se encontra numa encruzilhada no trabalho, da qual tem que decidir se tornar independente, dadas as más condições de seu trabalho, que a sujeitam a longas horas de trabalho com salários miseráveis.

Por outro lado, ela se sente estagnada na carreira universitária, que é o que se chama de estudante crônica.

Estabelece relações amorosas, nas quais diz “ser usada e abandonada”.

Pouco depois de iniciar a análise e apesar de comparecer pontualmente às sessões, rejeitou sistematicamente todas as minhas intervenções.

Ela reage dizendo: “Não!”, “não é assim!”, “deixa eu terminar de falar!” “Estou muito zangada com a análise!” (também se refere a análises anteriores). Seu tom é agressivo e reclamante.

A rejeição era sua primeira resposta.

Minha analisanda repetiu ativamente na transferência o que sofreu passivamente, foi violentada e depois de forma invertida manifestou, sob agressividade, o ódio em sua versão mais imaginária.

A voz do Outro, não importava o que dissesse, era sentida como violadora assim como os abusos sofridos, e diante de tal excesso ela se defendia expulsando-a.

É evidente como a fantasia de um “Outro desfrutando” se impõe na transferência, ao mesmo tempo que põe em ação a realidade sexual do inconsciente.

Porém, a operação analítica na cura da repetição, o “esgotamento do gozo” terá seus efeitos: conseguirá se tornar independente no trabalho e avançar na carreira.

Sua demanda ratificava, repetidas vezes, um movimento instintivo centrado no objeto oral onde ela pedia para ser alimentada infinitamente, ao mesmo tempo em que rejeitava, “vomitando”, cada intervenção do analista à maneira da bulimia.

Minha analisanda me convocava constantemente para uma dimensão imaginária, pondo em ação na transferência a luta que nada mais era do que uma repetição constante de todas as suas relações com os outros, às quais minhas intervenções faziam referência.

O desafio era conseguir aceitar o jogo sem provocar a reação terapêutica negativa.

Então Romí foi construindo o “Não”, que não conseguiu surtir efeito em sua infância.

Sua maneira compulsiva de rejeitar o Outro era sua maneira de estar com o Outro e de ser capaz de tolerá-lo.

Numa oportunidade, ela pediu uma sessão extra.

Ela conheceu um estrangeiro que a pressionou para que lhe desse alojamento em sua casa.

Mais uma vez uma situação abusiva estava presente. Digo então: “ninguém poderá fazer com você o que você não quer”. Eu habilito seu “Não”.

Na sessão seguinte, não sem minha surpresa, ela começa dizendo: Obrigada!

“Você não sabe o quanto suas palavras me ajudaram”, “Estou muito feliz por ter conseguido dizer Não!” Foi-lhe possível tomar a decisão de não acomodar aquele estranho.

Ela repetia para si mesma: “Eu a amo!”, “quanto eu amo a Cláudia!”

Embora toda exigência de análise seja uma exigência de amor, agora, neste momento da cura, começava a ser um amor que não era imediatamente seguido pelo ódio, mas antes separado dele.

O amor não existe sem ódio, Lacan o chama de “ódio-amor”. Porém, o Mestre introduz simultaneamente um preconceito, que vai além da dimensão imaginária: "...porque inexplicavelmente amo algo mais do que você...o objeto minúsculo...eu muto você." Aborda a paixão no registro do real. É aquele objeto sem substância, que fica fora, como “mais de gozo”, que contorna o orifício pulsional e que perfura o narcisismo. Esse “objeto agalmático”, que através da operação do desejo do analista é “descompleto de gozo”, e agora passa a cumprir a função de “objeto causa do desejo”.

Você se odeia para poder amar. Foi assim que viveu minha analisanda, e foi assim que ela se envolveu e se alienou no desejo do Outro.

Será somente a partir da escuta do significante na transferência, e não sem passar pela angústia (“que não é sem objeto”), único afeto que não engana, onde será possível uma abordagem da paixão a partir da nossa prática.

Não se tratará de dominá-la, mas sim de margeá-la, de lê-la, de operar com os objetos da demanda e do desejo, e assim limitar os gozos, para que nossos analisandos possam “saber fazer ali” um diferente destino com seu sofrimento.

Bibliografia

Freud, Sigmund:

Introdução ao Narcisismo-Volume XIV- Editores Amorrortu.

Jacques Lacan:

Seminário 11- Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Editorial Paidos.

Seminário 20 - Ainda. Editorial Paidos

Claudia

Messer

Círculo Psicanalítico Freudiano